



UGO FOSCOLO: INTELLECTUAL, POETA, ENSAÍSTA
UGO FOSCOLO: INTELLECTUAL, POET, ESSAYIST

Karine Simoni¹

RESUMO: O autor italiano Ugo Foscolo (1778-1827) desenvolveu a sua atividade literária num momento muito peculiar da história italiana: a instauração do governo napoleônico na península. Foscolo não se manteve apático às questões políticas que afligiam o seu tempo, e o presente artigo objetiva analisar como as idéias do autor sobre a função da poesia se relacionaram com a sua atividade de intelectual, ensaísta e crítico da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Ugo Foscolo – poesia neoclássica – intelectual – escrita ensaística

ABSTRACT: The Italian author Ugo Foscolo (1778-1827) developed his literary activity in a very peculiar moment of Italian history: the instauration of Napoleon's government in the peninsula. Foscolo has not remained apathetic to the political matters which affected his time, and this article aims to analyze how the author's ideas on the function of poetry are related to his activities as an intellectual, essayist and critic of society.

KEYWORDS: Ugo Foscolo - Neoclassical poetry - intellectual - essayistic writing

Ugo Foscolo (1778-1827) é um dos autores mais complexos da literatura italiana do Oitocentos. Definindo-se como *ricco di vizzi e di virtù*, a sua personalidade engloba as duas máximas aspirações da época: a inclinação nostálgica pelo ideal de beleza e de harmonia, próprio dos neoclássicos, e a contínua inquietação trazida pelo conflito entre sentimento e razão, típico do pensamento romântico.

Foscolo é conhecido principalmente pelas suas poesias, pelo romance epistolar *Ultime Lettere di Jacopo Ortis*, considerada a sua obra prima, e pela existência desregrada, que não poucas vezes gerou conflitos com seus contemporâneos. Entretanto, apesar da crítica priorizar esses aspectos da sua vida e obra, Foscolo também desenvolveu importantes contribuições como tradutor e ensaísta, destacando-se principalmente como teórico e crítico literário. É justamente esse aspecto que o presente artigo aborda, com o objetivo de analisar como as idéias do autor sobre a função da literatura, especialmente do gênero poesia, se relacionam com a sua atividade de intelectual, ensaísta e crítico da sociedade.

¹ Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina; e-mail: kasimoni@gmail.com

A primeira observação a fazer em relação ao pensamento de Foscolo sobre a literatura é a contínua aversão a regras e teorias pré-estabelecidas, pois não concorda que a tarefa do literato e a do crítico literário seja a de reproduzir e acumular conhecimento. Essa idéia é encontrada principalmente nos seus ensaios críticos, nos quais manifesta repúdio ao academicismo e ao formalismo que predominou no século das Luzes. Mais do que o conhecimento, o literato deve ser propício à ação, e no célebre ensaio *Sull'origine e sull'ufficio della letteratura*, Foscolo expõe o que julga ser a função ético-política da literatura e, por extensão, dos que dela se ocupam. Afirma ele:

Ufficio dunque delle arti letterarie dev'essere di rianimare il sentimento e l'uso delle passioni, e di abbellire le opinioni giovevoli alla civile concordia, e di snudare con generoso coraggio l'abuso o la deformità di tante altre che, adulando l'arbitrio de' pochi o la licenza della moltitudine, roderebbero i nodi sociali e abbandonerebbero gli Stati al terror del carnefice, alla congiura degli arditì, alle gare cruento degli ambiziosi e alla invasione degli stranieri. (FOSCOLO, 1972, p. 17).

Segundo Foscolo, cabe ao literato promover a *civile concórdia* e favorecer a mediação entre os governantes e a sociedade, desmistificando as idéias só aparentemente democráticas, mas que na realidade abandonam o Estado ao despotismo e à invasão estrangeira. Pode-se perceber assim, inclusive nos escritos crítico-literários, a notável força com a qual Foscolo se aproximou da tumultuada e nem sempre fácil sociedade do período. Como veremos, essa experiência produziu nele uma constante aspiração ao ideal, que, por sua vez, dará o embasamento da sua poética. Mas qual seria essa sociedade tão criticada por Foscolo?

O início da atividade literária de Foscolo coincide com um importante acontecimento que agitava a Europa naquele momento: a Revolução Francesa. Aos onze anos, com a morte do pai, Foscolo é forçado a deixar a sua terra natal – Zante, ilha grega de possessão veneziana – para morar em Veneza, onde entra em contato com as idéias iluministas e com as discussões que giravam em torno da Revolução. Movido pela esperança de ver Veneza transformar-se em uma república democrática, Foscolo compõe a ode *A Bonaparte liberatore* (1797), com a qual homenageia o imperador francês recém-chegado à Itália. Entretanto, no mesmo ano os princípios de liberdade proclamados por Napoleão são substituídos por uma atitude arbitrária: a assinatura do Tratado de Campoformio, que entrega Veneza à Áustria. Como cidadão da República Veneziana, que o exército de Napoleão subjugara, Foscolo considera a independência do domínio estrangeiro como o primeiro passo em direção à sua regeneração e unificação.

Desiludido, passa a refugiar-se em várias cidades da Itália e da Europa, como Milão, Bolonha, Florença e Paris, até que, em 1817, se estabelece na Inglaterra, onde permanece até a morte.

Em Londres, inicialmente, Foscolo é acolhido com euforia nos círculos literários e culturais, pois a sua fama de poeta ultrapassara os Alpes. Mas o seu padrão de vida é demasiado alto para as possibilidades que possui e surgem dificuldades econômicas que busca vencer com o trabalho – conferências, aulas, artigos e ensaios para jornais e revistas, como *Saggio sulla letteratura contemporanea in Italia* (1818), os quatro *Saggi sul Petrarca* (1821-1823), *Principj di critica poetica* (1823), *Epoche della lingua italiana* (1823), *La letteratura periodica italiana* (1824), *Discorso sul testo della Divina Commedia* (1825), *Discorso storico sul testo del Decameron* (1825) e *Della nuova scuola drammatica italiana* (1826), dentre outros. Foscolo escreve ensaios ainda na Itália, mas é no período do exílio que ele desenvolve plenamente a atividade de crítico literário e historiador da sociedade e da literatura.

Diferenciam os ensaios de Foscolo a constante aproximação entre o papel da literatura e a preocupação com as questões políticas e sociais, pois, segundo o epistolário, os ensaios e mesmo as obras de cunho literário, o autor viveu o período revolucionário na Itália como protagonista ativo. Pode ser enquadrado, portanto, como exemplo do intelectual² produzido pela Revolução Francesa que, no seu papel fundamental de promover mudanças, atingiu e modificou também, e de modo essencial, o papel dos intelectuais, especialmente nos anos jacobinos (1796-99), quando a invasão francesa aniquila a maior parte dos antigos regimes e instaura a formação de várias repúblicas. (GALLINGANI, 1996, p. 12-20).

Característica da nova conjuntura política resultante da Revolução é o fato dos intelectuais passarem a ocupar lugar de destaque como atuantes do processo revolucionário. De objeto tornam-se agentes da história, “de promotores de idéias a guias da renovação em curso”. (BASTOS, 1999, p. 155). Dito de outra forma, com o processo revolucionário, os intelectuais tradicionais, ligados ao clero e à nobreza, são substituídos progressivamente por figuras de origem burguesa, que participam ativamente das estruturas administrativas e militares da sociedade. O intelectual literato ou filósofo-cientista deixa o isolamento dos estudos solitários e se faz político; manifesta a sua opinião sobre decisões políticas e participa das funções administrativas.

² O termo intelectual – do latim *intellectualis* (relativo à inteligência) e, por conseguinte, *intellectus*, (ação de compreender alguma coisa, conhecimento; entendimento, intelecto), que vêm do verbo *intelligere* (*inter*: entre; *lego*: colher, recolher, ler, escolher, revistar, percorrer) e significa “distinguir, discernir, compreender, conceber, reconhecer, saber, perceber” – recebe uma conotação particularmente importante a partir da segunda metade do século XVIII.



Ao contrário do homem de letras produzido pelo Iluminismo, preocupado em acumular o conhecimento, uma das principais contribuições de Foscolo é a necessidade do engajamento político do intelectual, que deveria deixar de servir os governos e comprometer-se com as reais necessidades da sociedade. Em uma das passagens da *Lettera apologetica*, uma espécie de autobiografia escrita a partir de 1825, Foscolo relata o seu envolvimento com a política e a polêmica com os literatos durante o governo napoleônico na Itália. Afirmar ele:

io, mentre che sotto la censura letteraria mi dibatteva più sempre incalzato d'accuse di maestà, pur non per tanto io mi studiava che tutte le mie scritture sotto apparenza di versi e romanzi e pedanterie di letteratura e di tattica e profezie e bizzarrie d'immaginazioni, corressero tuttavia a una meta politica e all'utilità dell'Italia. (FOSCOLO, 1978).

O descontentamento de Foscolo diante da crítica acirrada que freqüentemente recebeu dos conterrâneos, seja pela produção literária, seja pelo seu comportamento político, coloca-nos diante de um homem que acredita que a sua função como intelectual-literato é importante pelo objetivo político que contém, ou seja, o de promover alguma utilidade ao país que escolhera como nacionalidade: a Itália. A literatura teria um papel fundamental, pois, segundo ele,

Le lettere ammaestrano gli uomini per mezzo dello studio degli uomini, ed eccitando passioni, e commovendo l'anima a tutti gli affetti tumultuanti dell'uomo, danno più vigore ad operare, rinforzano i sentimenti d'indipendenza individuali, agitano tutte quante le opinioni morali e politiche. Inoltre, per essere egregio letterato bisogna essere sperimentato di tutte le cose, azioni e passioni umane delle quale si scrive, e lo stato repubblicano concede più attività alla vita ed alla penna degli uomini d'ingegno, perchè quanto meno una nazione soggiace all'arbitrio di un solo, o di pochi, tanto più viole essere governata per mezzo della persuasione e dell'eloquenza, e l'eloquenza nel suo primo significato è l'anima d'ogni letteratura. (FOSCOLO, 1964, p.19).

Como se percebe, para Foscolo a literatura deveria estar ativamente presente na sociedade e na política. Essa idéia foi desenvolvida principalmente nos ensaios críticos, ou seja, a forma escolhida por Foscolo para manifestar a sua crítica foi a ensaística e, para melhor compreender o seu pensamento, é necessário analisá-lo como um desdobramento dos discursos e filiações que o precederam. De onde teria surgido a forma de escrita – o ensaio – adotada por Foscolo e qual a sua relação com a crítica?

O ensaio conheceu a sua máxima difusão durante o século XVIII, quando os grandes tratados foram substituídos por textos breves em forma de cartas e de artigos, não raras vezes

como forma de responder, de forma crítica, a outros textos. Segundo Alfonso Berardinelli, dentre as causas que propiciaram o desenvolvimento do ensaísmo no século XVIII pode-se destacar:

La nascita del giornalismo e dell' "opinione pubblica", i compiti politico-pedagogici della filosofia e delle scienze, la curiosità enciclopedica e il nomadismo più o meno forzato dei *philosophes* in conflitto con i centri di potere tradizionali rappresentati dall'aristocrazia cortigiana e dal clero: tutto questo favorisce il genere saggistico sopra tutti gli altri per la sua efficacia, mobilità e duttilità. (BERARDINELLI, 2002, p. 22).

Ainda segundo Berardinelli, "il saggista moderno assume la critica come vocazione e ispirazione primaria del suo stesso linguaggio e stile" (BERARDINELLI, 2002, p. 23). Essa idéia do autor é particularmente importante porque relaciona o comportamento crítico – a crítica como vocação – com a atividade intelectual. Assim, o intelectual moderno emerge com o surgimento da burguesia e com a maior agilidade e liberdade no comércio das idéias emerge, de forma que o livre e público exercício da crítica se torna a função primeira do intelectual. (Idem, *ibidem*).

Apesar do interesse pelos temas *ensaio* e *teoria do ensaio* ter crescido nos últimos anos, a definição do método teórico do ensaio ainda é causa de discussão entre os críticos das mais diferentes áreas. Um dos motivos pode ser encontrado na forma que essa forma de escrita desenvolve no século XVIII, quando passa a se relacionar com a crítica e alcança uma liberdade de expressão não comum a outros tipos de textos. Assim, se por um lado o ensaísta tem mais liberdade para escrever, na medida em que não possui o compromisso de fazê-lo com o rigor dos textos de caráter científico, por outro é extremamente difícil precisar se os escritos que pertencem a essa categoria de escrita têm características próprias que permitam identificá-lhes um princípio formal idêntico. Mas algumas peculiaridades podem ser enfatizadas.

Em *O Ensaio como forma*, Adorno destaca que o ensaio possui a extrema liberdade para abordar outros domínios do saber, bem como o valor da escritura não hierarquizada e o seu caráter descontínuo e aberto, que o torna pouco afeito a coerções teóricas. Diz ele: "o ensaio pensa em fragmentos, uma vez que a própria realidade é fragmentada; ele encontra sua unidade ao buscá-la através dessas fraturas, e não ao aplainar a realidade". (ADORNO, 2003, p. 35). A forma da escrita de Foscolo poderia ser enquadrada nesse conceito, à medida que ele parece conduzir os seus escritos com bastante flexibilidade, ao discorrer sobre vários assuntos, mesmo que possam parecer supérfluos – o individual, o particular, o não-conceitual. É o caso das *Lettere*



scritte dall'Inghilterra, na qual afirma: “io non so scrivere lettere che a mosaico: e appena la memoria non mi suggerisce de' versi pianto la penna”. (FOSCOLO, 1933, p. 395). A *escrita a mosaico* não parece ser uma característica apenas deste texto, no qual aborda assuntos corriqueiros. Poderiam ser enquadrados outros textos, como *Donne Erudite*, no qual apresenta um interessante quadro da vida literária considerando a participação das mulheres nos salões literários de Veneza, *Intorno ad antiquari e critici*, em que analisa e compara o papel dos historiadores, ou antiquários, em detrimento do papel dos críticos que, segundo ele, têm a criatividade limitada, *Frammenti sul Machiavelli*, cujo próprio título sugere a escrita não-contínua, fragmentada. Além disso, os textos de cunho literário também apresentam características do tipo de escrita apontada por Berardinelli que se firmou no século XVIII. Em uma passagem Foscolo diz:

E circa allo studio delle lettere, bisogna evitare il metodo usato, grammaticale, pedantesco, minuto, che noiando la giuventù com le regole troppo metafisiche per sè stesse, e com esempi troppo aridi, riducevano i classici latini in membretti di cadaveri inanimati e fetenti, sui quali i maestri e i discipoli facevano l'anatomia.(FOSCOLO, 1964, p. 21).

O uso de regras e teorias para explicar a literatura é duramente criticado por Foscolo. Essa postura é condizente com outro elemento que Adorno estabelece como característico do ensaio. Segundo o filósofo, os temas abordados não devem ser reduzidos a uma simples fórmula ou teoria, e o ensaísta não precisa se preocupar com a segurança de categorias prévias. Esse esforço revolta-se “contra a doutrina, arraigada desde Platão, segundo a qual o mutável e o efêmero não seriam dignos da filosofia; revolta-se contra essa antiga injustiça cometida contra o transitório, pela qual este é novamente condenado no conceito” (ADORNO, 2003, p. 25). Foscolo parece ter seguido esse preceito, à medida que se preocupou em registrar também fatos particulares, histórias locais e acontecimentos políticos de caráter mais temporário, como nos ensaios citados anteriormente.

Se Adorno entende o ensaio como forma, Azúa questiona a possibilidade de defini-lo. Ao buscar um denominador comum para designar o ensaio, defende que este “se alimenta de una variedad, de una universalidad temática prácticamente ilimitada” (AZÚA, 1964, p. 15). Assim, caracteriza o ensaio a variedade de temas que pode abordar; a perspectiva universal com que considera as particularidades dos acontecimentos regionais; a aproximação com aspectos históricos, políticos, sociológicos e artísticos, o que o torna interdisciplinar; a liberdade para seguir o ritmo do pensamento sem se preocupar com normas; a flexibilidade ao invés do

discurso rígido; a não-preocupação com os conceitos, ou seja, a possibilidade de repensar o que já foi dito sem o compromisso de alterar os fundamentos ou de oferecer novidades, são alguns dos elementos que o autor identifica como característicos do texto ensaístico.

Conforme apontado por Berardinelli e Adorno, o ensaio nasce da postura crítica do autor e caracteriza-se pela mistura de cientificidade e de ponto de vista subjetivo. Ou seja, o ensaio crítico é aquele no qual o autor tem a liberdade de evidenciar a si mesmo, como sujeito que adquiriu uma determinada experiência individual e a compartilha com seus leitores. Assim, pela sua função crítica, pode-se pensar o ensaio como a forma da escrita que assinala a passagem do mundo antigo ao mundo moderno. Como visto anteriormente, os intelectuais do século XVIII rompem a dependência e a continuidade da tradição, pois não se limitam apenas às academias e ao estudo erudito, mas, acima de tudo, demonstram a tendência pelo juízo crítico da sociedade e dos seus dogmas e problemas.

A partir dessas considerações que priorizaram a relação entre a escrita ensaística e o papel do intelectual, reporto-me a seguir ao papel da poesia para Foscolo, a fim de identificar como ela sobrepõe, ou melhor, compõe e integra o pensamento de Foscolo sobre a política e a sociedade.

Foscolo escreveu e teorizou sobre poesia durante praticamente toda a vida. O gosto por esse gênero literário, principalmente a poesia Antiga dos gregos e latinos, segundo ele mesmo conta em uma carta, teve início ainda quando entrou em contato com os círculos literários de Veneza: considera Homero “padre di tutta la poesia” (FOSCOLO, 1933, p. 357). Pela poesia ele afirma ter adentrado “nelle passioni degli uomini, e nello studio de’tempi e delle nazioni; onde di mano in mano, dopo avere scritti molti ardenti ed ineruditi poemi di ogni specie, m’innoltrai nella storia e nelle dottrine morali e politiche” (Idem, *ibidem*).

Parece-me assim que, para Foscolo, a sua atividade de intelectual e crítico literário foi determinada pelo que ele considera a função da poesia, da mesma forma como foi por meio da leitura dos poetas clássicos que aflorou o seu gosto pela história e pela política. A poesia é guardiã dos valores, paixões, crenças, costumes e aspirações de um povo, e, portanto, possui a função de comunicar às futuras gerações os preceitos ético-civis dos Antigos. Sobre o objetivo da poesia, Foscolo escreve que:

È ufficio della poesia propriamente chiamata lirica di presentare fatti interessanti in modo da eccitare i nostri più forti sentimenti, e da promovere quelle opinioni che tendono alla prosperità dei popoli. Dieci versi che non somministrino al pittore immagini sufficienti a formare un quadro storico, non

muovano l'animo con i nobili ricordi ch'essi rievocano e le generose passioni ch'essi destano, e che non incidano a caratteri luminosi qualche utile verità, sarebbero versi che concedo possano essere nel loro genere ammirevoli, ma non appartengono alla poesia lirica. (FOSCOLO, 1958, p. 550).

A poesia é considerada por Foscolo a maior entre todas as artes porque comporta a harmonia musical e a harmonia das artes figurativas, além de promover os mais altos sentimentos e exercitar no homem um efeito superior àquele das demais artes. Ao observar as poesias mais antigas dos povos, Foscolo deduz que a poesia lírica é o gênero máximo e o mais elevado, assim como seria para Leopardi. Pela sua função, que é a de celebrar os deuses e os heróis, a lírica adverte e aconselha o gênero humano sobre a melhor conduta a ser tomada em prol do progresso da sociedade.

A literatura, especialmente a poesia, tem um papel fundamental no processo de civilizar o Homem. Assim, diante das convulsões sociais advindas com a instauração do governo napoleônico, Foscolo contrapôs uma nova concepção de literatura, sintonizada com as problemáticas dos novos tempos, não mais independente da moral, da política, da história, da filosofia. Essa idéia de literatura, baseado na poesia dos Antigos, é vista por Foscolo como a única forma de chamar a atenção dos contemporâneos para a necessidade de unidade e independência nacional. Dessa forma, a poesia serve como exemplo de empenho civil e, como tal, aproxima-se e complementa a atividade de intelectual crítico da sociedade.

O biógrafo Marcello Verdenelli afirma que nenhum outro autor contemporâneo registra como Foscolo a trajetória da Itália nesse período, “per essere stato un straordinario e sensibile interprete di quella più generale istanza libertaria maturata sulla spinta di un evento storico davvero epocale come la Rivoluzione Francese” (VERDENELLI, 2007, p. 07). De fato, para Foscolo é na ação, efetivamente, que se dá o trabalho intelectual. A posição do crítico, ao querer fazer da literatura um meio de transformação que estivesse presente na sociedade e na política de maneira ativa, remete ao sentido etimológico de intelectual como o indivíduo que percorre o mundo onde vive, revista, recolhe, para então compreender, reconhecer, perceber e, dessa forma, promover mudanças.

Explicar, ainda que de modo não aprofundado, os ensaios de Foscolo, é tarefa difícil, senão impossível, de ser concluída. Esse autor múltiplo é ainda pouco conhecido no Brasil devido, em parte, à falta de traduções de suas obras, embora Foscolo ocupe um lugar indiscutível



na literatura italiana. Sem dúvida, seus ensaios críticos apresentam-se como um fértil campo de pesquisa e constituem-se numa possibilidade de compreensão de muitos aspectos da crítica, história e teoria literária e ainda para a história social e cultural do mundo europeu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. *O ensaio como forma*. In: **Notas de literatura I**. [Trad. Jorge de Almeida]. São Paulo: Editora 34, 2003.

AZÚA, Carlos Real. *Introduccion y advertencia - ¿Um género ilimitado?* In: **Antologia dei ensayo uruguayo contemporaneo. Tomo I**. Montevideo: Universidad de Ia República, 1964.

BASTOS, Elide Rugai. *Intelectuais e vida política na Itália*. In: BASTOS, Elide Rugai, REGO, Walquíria Leão (orgs.). **Intelectuais e política: a moralidade do compromisso**. São Paulo: Olho d'água, 1999.

BERARDINELLI, Alfonso. **La forma del saggio. Definizione e attualità di un genere letterario**. Venezia: Marsilio, 2002.

FOSCOLO, Ugo. **Scritti letterari e politici dal 1796 al 1808** (a cura di Giovanni Gambarin). Edizione Nazionale delle Opere di Ugo Foscolo vol. VI. Firenze: Le Monnier, 1972.

FOSCOLO, Ugo. VII. **Lezioni. Articoli di critica e di polemica (1809-1811)** (a cura di Emilio Santini). Edizione Nazionale delle Opere di Ugo Foscolo vol. VII. Firenze: Le Monnier, 1972.

FOSCOLO, Ugo. **Prose politiche e letterarie dal 1811 al 1816** (a cura di Luigi Fassò). Edizione Nazionale delle Opere di Ugo Foscolo vol. VIII. Firenze: Le Monnier, 1933.

FOSCOLO, Ugo. **Saggi di letteratura italiana**. parti I e II (a cura di Cesare Foligno). Edizione Nazionale delle Opere di Ugo Foscolo vol. XI. Firenze: Le Monnier, 1958.

FOSCOLO, Ugo. **Prose politiche e apologetiche** (1817-1827), parte I. (a cura di Giovanni Gambarin). Edizione Nazionale delle Opere di Ugo Foscolo vol. XIII. Firenze: Le Monnier, 1964.

FOSCOLO, Ugo. **Lettera apologetica** (a cura di Giuseppe Nicoletti). Torino: Einaudi, 1978. Disponível em http://www.classicitaliani.it/foscolo/prosa/foscolo_lettera_apologetica.htm. Acesso em: 14 abril 2009.

GALLINGANI, Daniela. **Napoleone e gli intellettuali**. Bologna: Il Mulino, 1996.

VERDENELLI, Marcello. **Foscolo: una modernità al plurale**. Roma: Anemone Purpurea, 2007.